

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE ENFERMAGEM**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

MARIA LUDIMILA ARAÚJO LOPES

**AMBIENTE UNIVERSITÁRIO E A VIOLÊNCIA INVISÍVEL: um silêncio
quebrado.**

CAJAZEIRAS

2025

MARIA LUDIMILA ARAÚJO LOPES

**AMBIENTE UNIVERSITÁRIO E A VIOLÊNCIA INVISÍVEL: um silêncio
quebrado.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
para avaliação e aprovação como componente
obrigatório para obtenção do diploma de
Bacharel em Enfermagem.

Orientador(a): Profª. Dra. Rosimery Cruz de
Oliveira Dantas

CAJAZEIRAS

2025

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

L864a	<p>Lopes, Maria Ludimila Araújo. Ambiente universitário e a violência invisível: um silêncio quebrado / Maria Ludimila Araújo Lopes. - Cajazeiras, 2025. 48f. : il. color. Bibliografia.</p> <p>Orientadora: Profa. Dra. Rosimery Cruz de Oliveira Dantas. Monografia (Bacharelado em Enfermagem) UFCG/CFP, 2025.</p> <p>1. Ensino superior. 2. Estudante universitário. 3. Violência estudantil - espaço universitário. 4. Saúde mental. 5. Universidade e violência. 6. Estudantes - violência invisível. I. Dantas, Rosimery Cruz de Oliveira. II. Título.</p> <p>UFCG/CFP/BS CDU - 378</p>
-------	---

Ficha catalográfica elaborada pelo Bibliotecário Jozimar Viana da Silva - CRB 15/675

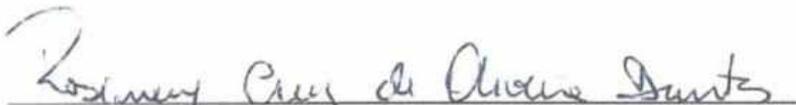
MARIA LUDIMILA ARAÚJO LOPES

AMBIENTE UNIVERSITÁRIO E A VIOLÊNCIA INVISÍVEL: um silêncio quebrado.

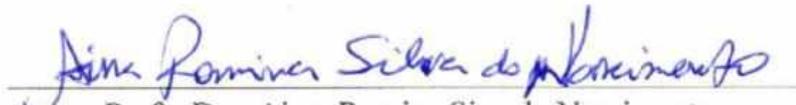
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Campina Grande,
como parte das exigências para obtenção do
diploma de Bacharel em Enfermagem.

Cajazeiras, 19 de Fevereiro de 2025.

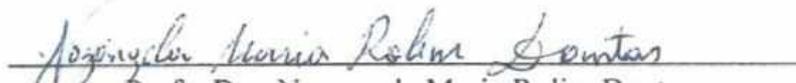
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Rosimery Cruz de Oliveira Dantas
Orientadora



Profa. Dra. Aissa Romina Siva do Nascimento
Avaliadora



Profa. Dra. Nozangela Maria Rolim Dantas
Avaliadora

Dedico minha graduação à minha família, em especial minha mãe, pois nunca foi só por mim, mas por ela.

AGRADECIMENTOS

Constantemente lembro-me da vez que uma colega do curso me perguntou como eu conseguia dar conta de tanta coisa e respondi que nunca fiz nada sozinha. Portanto, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, me ajudaram a tornar esse momento realidade. A Deus agradeço no íntimo das minhas orações. Agradeço a minha família por ser meu pilar de sustentação, motivação e nunca impediram de realizar esse sonho.

A minha amiga de infância Ana Gisele por ser meu apoio em Cajazeiras, por se fazer presente em todos os momentos, quer sejam bons ou ruins. As minhas amigas Amanda Fernandes, Anna Kalyne, Beatriz Garrido, Jessyka Mirelly e Maria Eduarda por compartilhar toda a trajetória do curso ao meu lado. Ao meu amigo Italo Silvino por acreditar que eu seria capaz de ser presidente do Centro Acadêmico de Enfermagem de Cajazeiras(CAEC - Dália) mesmo eu dizendo que não seria capaz e ao meu amigo David Adley por embarcar nessa empreitada conosco. Agradeço a Liliane Gomes Américo pela imensurável contribuição acadêmica e jurídica, foi crucial para chegarmos até aqui.

As enfermeiras e enfermeiro, docentes da UAENF os quais tenho grande admiração e que contribuíram de maneira especial para minha formação acadêmica e profissional: Maria Mônica, Edineide Nunes, Dayze Galiza, Maria Berenice, Petra Kelly e Marcelo Fernandes. As professoras Nozangela Maria e Aissa Romina pela contribuição acadêmica, pelo apoio durante o processo e por aceitarem ser da minha banca de TCC.

De forma mais que especial, agradeço à minha orientadora Rosimery Cruz por ser mais que uma professora e orientadora, por ser amiga, advogada e psicóloga, por me acolher e me guiar na vida acadêmica desde o 4º período, por cada ligação perguntando como estava, por me acolher diversas vezes em seu lar e por ser um grande exemplo de ser humano e profissionalismo.

Por último e não menos importante, agradeço a minha mãe por ser minha inspiração de vida, por ter me ensinado tudo sem nunca dizer uma palavra, pois aprendi só pelo exemplo da grande mulher que ela é, porque a mulher que sou hoje é fruto da criação dela. Agradeço por nunca ter deixado faltar nada, por ter abdicado de muita coisa para a minha criação e das minhas irmãs e por não desistir da nossa educação.

Não posso reparar a história de gerações de uma família, mas como a primeira mulher da família a entrar em uma universidade e concluir o Ensino Superior, posso afirmar que de agora em diante, a história de uma família mudou.

*Bem-aventurados os que têm fome e sede de
justiça, pois serão fartos.*

(Mateus 5:6)

RESUMO

LOPES, Maria Ludimila Araújo. Ambiente Universitário e a Violência Invisível: um silêncio quebrado. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) 47 p. Universidade Federal de Campina Grande. UFCG, 2025.

Introdução: O ingresso no ensino superior se dá com altas expectativas e esperanças de um futuro próspero, mas nem sempre acontece o esperado, pois, às vezes, os ingressantes se deparam com situações de violência que impactam de maneira negativa no seu viver.

Objetivos: Investigar a ocorrência de violência voltada para o estudante universitário no meio acadêmico, seus tipos e o impacto na sua vida.

Método: Estudo transversal, descritivo e de abordagem quantitativa, efetuado na Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, campus Cajazeiras, Paraíba. A população do estudo foi constituída por estudantes dos cursos de Enfermagem (269) e Medicina (197) do referido campus, com amostra definida, respectivamente, em 55 e 40, calculada na Open Epi. A seleção dos discentes foi realizada a partir da lista de matrícula disponibilizada, de forma aleatória, após sorteio para definir o intervalo entre os(as) alunos(as). Foram utilizados como critérios de inclusão alunos matriculados do 1º ao 12º período, com idade igual ou superior a 18 anos. Os dados foram coletados e agrupados em planilha do Excel, transpostos para o SPSS 20.0, e analisados com estatística descritiva, tendo como medida de tendência central a média e desvio padrão.

Resultados e discussão: A amostra foi constituída, majoritariamente, por 68,4% de mulheres, 61,05% da raça não branca (pretos, negros, pardos, amarelos e indígenas), 74,7% heterossexuais, 64,2% moram em Cajazeiras e 57,9% cursavam Enfermagem. 68,42% relataram ter sofrido algum tipo de violência, destes a maior parte foi constituída por não brancos (60%), mulheres (67,7%), heterossexuais (70%), com residência na cidade do campus (53,8%) e cursavam Enfermagem (66,2%). Os principais agressores foram professores e colegas de sala.

Considerações finais: Historicamente, a violência, seja qual forma for, se perpetua na sociedade de maneira natural e não seria diferente no espaço universitário, uma vez que o ser humano tende a replicar atos e ações corriqueiros do seu cotidiano. As punições ainda são insipientes e isso faz com que a vítima silencie. É preciso fortalecer os canais de denúncia, apoio às vítimas e celeridade nos processos punitivos.

Palavras-chaves: Estudante. Ensino Superior. Violência. Saúde Mental..

ABSTRACT

LOPES, Maria Ludimila Araújo. University Environment and Invisible Violence: A Broken Silence. Course Conclusion (Monograph). 47 p. Federal University of Campina Grande (UFCG), 2025.

Introduction: Starting college comes with high expectations and hopes for a prosperous future, but things don't always go as planned, as students sometimes face situations of violence that negatively impact their lives. **Objectives:** To investigate the occurrence of violence directed at university students in the academic environment, its types, and its impact on their lives. **Method:** A cross-sectional, descriptive study with a quantitative approach, carried out at the Federal University of Campina Grande, Center for Teacher Training, Cajazeiras campus, Paraíba. The study population consisted of students from the Nursing (269) and Medicine (197) courses at the aforementioned campus, with a sample defined as 55 and 40 respectively, calculated in Open Epi. The selection of students was carried out from the available enrollment list, randomly, after a draw to define the interval between the students. The inclusion criteria were students enrolled from the 1st to the 12th period, aged 18 years or older. Data were collected and grouped in an Excel spreadsheet, transposed to SPSS 20.0, and analyzed with descriptive statistics, using the mean and standard deviation as measures of central tendency. **Results and discussion:** The sample consisted mostly of 68.4% women, 61.05% of non-white race (black, brown, yellow, and indigenous), 74.7% heterosexuals, 64.2% living in Cajazeiras, and 57.9% studying Nursing. 68.42% reported having suffered some type of violence, of which the majority were non-white (60%), women (67.7%), heterosexuals (70%), residing in the city of the campus (53.8%), and studying Nursing (66.2%). The main aggressors were professors and classmates. **Final considerations:** Historically, violence, in whatever form, is perpetuated in society in a natural way, and it would be no different in the university space, since human beings tend to replicate everyday acts and actions. Punishments are still incipient, and this causes the victim to remain silent. It is necessary to strengthen the channels of denunciation, support for victims, and speed in the punitive processes.

Keywords: Student. Starting College. Violence. Mental Health.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1 – Perfil da amostra segundo a ocorrência de violência.....	21
Quadro 1 – Questões que identificam algum tipo de abordagens de violência.....	24
Tabela 2 – Distribuição dos tipos de abordagens de violência segundo a raça.....	25
Figura 1 – Distribuição dos agressores de acordo com a questão abordada.....	26
Figura 2 – Atitudes tomadas pelas vítimas frente ao ato de violência.....	28
Figura 3 – Motivos que levaram as vítimas a não fazerem nada.....	29

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 OBJETIVOS	13
2.1 OBJETIVO GERAL:.....	13
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:.....	13
3 REFERENCIAL TEÓRICO	14
3.1 O CENÁRIO UNIVERSITÁRIO.....	14
3.2 CONCEITOS RELACIONADOS.....	15
3.3 EPIDEMIOLOGIA DA VIOLÊNCIA.....	16
3.4 UNIVERSIDADE COMO ESPAÇO PARA A VIOLÊNCIA.....	17
4 METODOLOGIA	19
4.1 TIPO DE ESTUDO.....	19
4.2 LOCAL DO ESTUDO.....	19
4.3 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO.....	19
4.4 COLETA DE DADOS.....	19
4.5 ANÁLISE DOS DADOS.....	20
4.6 ASPECTOS ÉTICOS.....	20
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	21
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	33
APÊNDICE 1 – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	38
APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	42
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	45

1 INTRODUÇÃO

O ingresso do adolescente e/ou adulto no ensino superior acarreta um misto de emoções e sentimentos, além de altas expectativas e esperanças de um futuro próspero, mas nem sempre é como esperado, pois aqueles se deparam com situações adversas que reverberam de maneira negativa no que se foi ansiado. Essa conquista marca uma transição, que simboliza a investida na busca de independência, de maneira que acarreta no desenvolvimento psico-emocional dos universitários (Anversa *et al.* 2018). Entretanto, o acadêmico se depara com diferentes tipos de violência, quer sejam praticadas por seus pares, docentes e demais trabalhadores da instituição.

Gomes, Leitão, Santos e Zanotti (2023) destacam que o excesso de atividades, somadas à redução de horário disponível e de redes de apoio, são causadores de estresse, depressão e transtornos ansiosos no público universitário. Fatores referentes à vida destes, à formação dos professores e de infraestrutura insatisfatória levam à uma condição indesejada no processo ensino-aprendizagem da educação superior do setor público brasileiro (Silva; Moreira, 2022).

Violência pode ser conceituada como ato direcionado, por força ou ameaça, a qualquer pessoa no singular ou coletivo, que cause dano (Silva *et al.* 2013 *apud* Organização Mundial da Saúde, 2010). Já Minayo, Pinto e Silva (2022) dividem a violência em dois subtipos: entre pessoas habituais do contexto familiar e/ou companheiros; e comunitária, que acontece entre indivíduos conhecidos ou não, sendo mais comum acontecer extra domicílio.

As violências mais comuns nas universidades são: “assédio sexual, coerção, violência sexual, violência física, desqualificação intelectual e agressão moral/psicológica” - nessa ordem (Bellini, 2018; Souza, 2021; Souza, Roso e Souza, 2022 *apud* Scavone 2015). Além disso, Silva e Moreira (2022) relatam que a permanência estudantil nas universidades, durante a formação, pode ser afetada ao sofrer discriminação e/ou estigmatização, principalmente para pessoas não brancas.

Em sua pesquisa, Maito, Panúncio-Pinto e Vieira (2022) descreveram os tipos mais correntes de um campus universitário, destacando como prevalentes a violência baseada em gênero ou raça, a institucional, o assédio moral e o trote, sendo, estas, constitutivas de um cenário reproduzido em outras instituições acadêmicas e sendo consideradas, portanto, as que mais precisam ser enfrentadas.

Atualmente, há deliberações nas Instituições de Ensino Superior (IES) para prevenir e/ou combater esses entraves, a exemplo da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), com a RESOLUÇÃO nº 03/2022 que regulamenta a “Política de Prevenção e Combate ao Assédio Moral, ao Assédio Sexual e a Todas as Formas de Discriminação no âmbito da instituição”. O documento conceitua vários tipos de violências, como: assédio moral – como ações abusivas contínuas e repetidamente; assédio sexual – condutas de caráter sexual; discriminação – qualquer distinção e/ou segregação, versada em questões sociais; e *Bullying* ou intimidação sistemática como atitudes de pressão psicológica ou concreta, intencional e repetitiva (UFCG, 2022).

É indubitável que a ocorrência de violência é um elemento negativo que influencia no prosseguimento do aluno no meio estudantil. Existem dois tipos de permanência: a material, relacionada às demandas básicas, e a simbólica, relacionada à continuidade do estudante na faculdade, que versa sobre a partilha de conhecimentos e afeições com seus pares, a transformação pessoal e o sentimento de inclusão no círculo inserido (Silva; Moreira, 2022).

A qualidade de vida está sendo amplamente introduzida nos debates contemporâneos, destacando percalços para a saúde pública, podendo se alcançar os mais diversificados cenários dialógicos, sendo o campo universitário um espaço adequado para explorar os condicionantes do bem-estar pessoal (Anversa *et al.* 2018).

Devido a vivência diante da violência impactar negativamente o bem-estar e a permanência do acadêmico na IES, evidenciados pelos altos indicadores, vem se discutindo a fomentação de políticas e ações direcionadas à esta temática (Gomes; Leitão; Santos; Zanotti, 2023). Fiolla, Larocca, Chaves e Lourenço (2022) concluíram que 70% dos entrevistados já sofreram algum tipo de violência, sendo a sexual mais relatada.

Pesquisas que versam sobre a problemática ainda são escassas na comunidade, situação diante da qual faz-se necessária uma avaliação da realidade do campus do Centro de Formação de Professores da UFCG, para expor ao público interno e externo uma análise da ocorrência ou não de violência no referido campus, vivida pelos estudantes desta instituição. Por tal pertinência, espera-se que o trabalho seja norteado para ações a serem desenvolvidas na instituição pelos administradores e pelo Comitê de Prevenção e Combate ao Assédio Moral, ao Assédio Sexual e a Todas as Formas de Discriminação no âmbito da UFCG.

Diante do exposto, o trabalho assume grande importância, pois a compreensão da realidade propicia o desenvolvimento de intervenções que visem mitigar a prevalência de violência e do silêncio que tanto têm acarretado sofrimento e adoecimento às suas vítimas.

Desse modo, a partir de uma realidade de violência vivenciada no campo acadêmico, é que surgiu o interesse em investigar esta temática, com intuito de estimular o debate com mais abertura e clareza. Ademais, instigar, nas vítimas, o interesse de reconhecer uma violência sofrida, quebrar silêncio angustiante e denunciar são, igualmente, os objetivos visados.

Por isso, buscou-se responder às seguintes questões norteadoras:

Qual a realidade da violência sofrida pelos estudantes universitários da área da saúde da Universidade Federal de Campina Grande do Centro de Formação de Professores?

O que fez as vítimas silenciarem?

Qual o impacto na sua permanência na universidade?

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL:

- Investigar a ocorrência de violência voltada para o estudante universitário no meio acadêmico.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Identificar os tipos de violência sofridas pelos discentes no âmbito universitário;
- Delinear o perfil das vítimas;
- Construir o perfil do agressor e sua abordagem;
- Listar as principais repercussões da violência na vida do estudante vitimado.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 O CENÁRIO UNIVERSITÁRIO

A universidade é uma entidade pública autônoma que oferta pesquisa e extensão de forma inerente ao ensino para a formação acadêmica do público usuário (Brasil, 1988), marcada por simbolismos subjetivos, expectativas e projetos de futuro daqueles que ingressam. O Art. 52 da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional fundamenta que as universidades “são instituições pluridisciplinares de formação dos quadros profissionais de nível superior, de pesquisa, de extensão e de domínio e cultivo do saber humano” (Brasil, 1996).

Pouco mais da metade do público ingressante é composto por mulheres (57%), sendo que $\frac{3}{4}$ são matriculadas em cursos da saúde (72,1%), com faixa etária entre 19 e 24 anos e quase 60% estão no ensino público (Ramos *et al*, 2022). Porém, alguns se deparam com circunstâncias que divergem do esperado, acarretando o adoecimento mental e físico e reverberando negativamente na sua permanência neste espaço de formação superior.

Indicadores elevados de adoecimento na comunidade discente apontados em pesquisas resultam na discussão de ações e programas, focalizados no bem-estar dos universitários (Gomes; Leitão; Santos; Zanotti, 2023). As universidades têm discutido e indicado estratégias de enfrentamento à violência, como políticas e mudanças em regimentos, pois a conservação destas nos domínios acadêmicos leva ao restabelecimento da saúde de seus frequentantes.

A partir de pesquisas e produções científicas desempenhadas no Centro de Formação de Professores (CFP/UFCG), evidenciaram-se diversas formas de violências, as quais sinalizaram a urgência na fomentação de estratégias de prevenção e combate a essas atrocidades. Consolidou-se, então, a criação do Comitê de Enfrentamento e Combate a Violência no CFP, que desenvolvem atividades pertinentes à causa e, em 2022, a UFCG implantou a Resolução nº 03/2022 - Política de Prevenção e Combate ao Assédio e Discriminação (PECOAD) (UFCG, 2022). Entretanto, esta é propagada e disseminada de forma escassa na instituição, pois pouco se fala de sua ação e/ou resolutividade, uma vez que as instâncias maiores não proporcionam meios para divulgação, como o site do CFP/UFCG (<https://cfp.ufcg.edu.br/portal/>) que não dispõe um link direto ou atalho para o Comitê local que atua junto à PECOAD, inviabilizando, muitas vezes, o conhecimento acerca da existência de um órgão tão importante, como também dificulta a denúncia.

3.2 CONCEITOS RELACIONADOS

Há imprecisões ao se definir qual tipo de violência sofrida. Desse modo, o Código Penal Brasileiro (Brasil, 1940) traz definições nos seus artigos:

Artigo 215-A - Importunação sexual: “praticar contra alguém e sem a sua anuência ato libidinoso com o objetivo de satisfazer a própria lascívia ou a de terceiro”:

Artigo 216-A - Assédio sexual: “Constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função”;

Artigo 147-B - Violência psicológica: Qualquer ato que perturbe ou prejudique a saúde emocional e psicológica, mediante ameaça, intimidação, humilhação, segregação, chantagem, diminuição ou que cause dano à saúde mental.

Artigo 20 da Lei nº 9.459/1997 - Discriminação: “Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.”

Quanto ao assédio moral, o PROJETO DE LEI Nº 1521, de 2019 normativiza: “Ofender reiteradamente a dignidade de alguém causando-lhe dano ou sofrimento físico ou mental, no exercício de emprego, cargo ou função.” (Brasil, 2019). A ocorrência de assédio moral também pode haver relação de poder ou subordinação, onde o praticante está em um nível ou cargo superior a vítima (Santos; Melo; Santiago, 2020 *apud* Mateus; Pingoello, 2015).

Além disso, o Conselho Nacional do Ministério Público (2022) define Violência Institucional ou Violência Secundária como sendo:

[..]causada pelos agentes públicos que deveriam proteger a vítima no curso da investigação ou do processo. Por ser praticada pelos órgãos oficiais do Estado, a vitimização secundária pode trazer uma sensação de desamparo e frustração ainda maior que a vitimização primária.

A UFCG prevê em seu regimento a punibilidade para atitudes ilícitas e regulamenta algumas destas na Resolução nº 03/2022 (UFCG, 2022), que dita acerca de conceitos sobre assédio e violência:

A - Assédio moral - “condutas abusivas de maneira contínua e repetitiva, intencional ou não, que atente contra a integridade, identidade e dignidade humana da pessoa, por meio do desgaste das relações interpessoais e da ambiência, com

discriminação, humilhação ou constrangimento, isolamento ou exclusão social, difamação e imposição de atividades superfúas ou demasiadas”;

B - Assédio sexual - “atitudes de conotação sexual exercida contra a vontade de outrem de maneira física, verbal ou não, revelada a partir de gestos, palavras ou contato direto, que perturbe, degrida, constranja ou que gere um meio hostil, desestabilizador ou intimidador”;

C - Discriminação - “qualquer tratamento de toda forma de segregação, restrição ou distinção fomentada na cor, raça, etnia, classe social, deficiência, idade, religião, sexo ou orientação sexual”;

D - *Bullying* ou intimidação sistemática - atos de violência psicológica ou física de maneira reiterada e proposital inferida contra uma ou mais pessoas, de individual ou coletivamente em detrimento de relações hierárquicas, com intuito de amedrontar e intimidar causando angústia ou dor”.

3.3 EPIDEMIOLOGIA DA VIOLÊNCIA

Um levantamento embasado na Pesquisa Nacional de Saúde (PNS 2019) , apresenta que 18,3% dos indivíduos com faixa etária \geq (maior ou igual à) 18 anos já sofreram violência psicológica, sexual ou física em 2019. No mesmo estudo, 19,38% do gênero feminino e 17,01% do masculino declararam ter sofrido alguma violência, sendo na Paraíba uma prevalência de aproximadamente 15% segundo Unidade Federativa e Região. Já na Região Nordeste a prevalência foi de 18,72% (Minayo; Pinto; Silva, 2022).

A violência no contexto da universidade ganhou notoriedade no Brasil em 2014, devido ao grande quantitativo de denúncias endereçadas à Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, resultando na criação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para apurar as denúncias, fato que desencadeou no reconhecimento e responsabilização de múltiplas formas de violências (Maito; Panúncio-Pinto; Vieira, 2022). Beggiano, Hackenberg, Oliveira e Vagetti (2023) reiteram que os tipos de violências vividas no ramo estudantil enquadram desde a depreciação intelectual ao abuso sexual, o que destaca a vulnerabilidade dos(as) estudantes da educação superior.

Uma análise epidemiológica realizada em três cursos de uma instituição catarinense apresentou que a prevalência de violência na área universitária foi de 35,0%, sendo 69,1% mulheres e 27,5% homens. Também, destaca a violência psicológica e/ou moral como a mais costumeira e que as instituições de ensino representam o segundo local com maior

incidência desses episódios, sendo a faixa etária entre 11 e 20 anos a mais acometida (Cardoso; Mohr; Marcon, 2020).

Outra pesquisa que identifica as violências vivenciadas no curso superior apresenta que a violência emocional perpetrada por docentes ou professores atingiu maior destaque, seguido por colega e funcionário. Ainda, o trabalho traz o indicador “medo” como a maior média, evidenciando que nessa IES estudada ocorre menos violência do que o temor de sofrê-la (Henriques; Merçon-Vargas; Rosa, 2023). Contudo, o medo se torna aliado ao induzir o estado de alerta e fuga ante a determinadas situações de perigo, quer seja real ou velado (Tavares; Barbosa, 2014). Além disso, o relato de uma violência experienciada em determinado local ganha grande notoriedade e, portanto, gera medo que possa ocorrer com outrem.

Outra pesquisa realizada em 2015 pelo instituto Avon identificou que mais de 60% das universitárias já sofreram algum tipo de violência, dentre elas mais da metade foi assédio sexual, revelando que mais de um terço deixou de realizar alguma atividade acadêmica por temor de sofrer alguma atrocidade (Instituto Avon; Data Popular; ONU Mulheres Brasil, 2015).

3.4 UNIVERSIDADE COMO ESPAÇO PARA A VIOLÊNCIA

No Brasil, a violência tem como principais vítimas as mulheres (IBGE, 2019), resultado de uma construção histórica e cultural permeada pelo machismo e patriarcalismo presentes em todo e qualquer círculo social. Destarte, a academia de ensino superior não está absolvida destas perturbações sociais, pois as Instituições de Ensino caracterizam um espaço onde hábitos e costumes familiares, coletivo e sociais são externados.

Por ser considerado uma fase transicional entre ensino médio e o mundo do trabalho, a formação superior é marcada por muitas subjetividades sentimentais, como a primeira busca por autonomia. Os ingressantes de IES, ao se depararem com o fenômeno citado neste trabalho, desenvolvem um sentimento de desilusão, geralmente, levando a diminuição no desempenho acadêmico e posterior desistência. Em detrimento destas circunstâncias, o círculo acadêmico é um fator condicionante e determinante no processo saúde-doença, que atinge outras esferas pessoais dos alunos.

Basso, Fontane e Laurenti (2022) afirmam que locais como esses são fonte de sofrimento mental e psicológico em virtude da exposição dos alunos às práticas de violência, contribuindo mais para o adoecimento do que promovendo bem-estar.

Outrossim, citam que a existência da violência na esfera acadêmica afeta diversos ramos da vida dos estudantes, sobretudo a saúde mental, originando prejuízo psicológico e físico, que repercutem de maneira negativa na área acadêmica e nos vínculos interpessoais.

É indubitável a inquietação que esta temática provoca, posto que suas consequências deterioram o desempenho do alunado, podendo estar associada à evasão institucional das vítimas (Panúncio-Pinto; Alpes; Colares, 2019). Ademais, a recorrência de tal problemática no cotidiano acadêmico levanta a indagação quanto aos princípios éticos e morais na formação profissional e pessoal do corpo estudantil como integrantes da sociedade.

Embora de forma incipiente, já há a discussão e produção de estratégias a serem aplicadas no combate desta problemática, algumas até já vigorando em algumas poucas IES. Porém, esses métodos precisam ser aprimorados continuamente de acordo com cada realidade existente, bem como precisam ser promovidas respostas rápidas e resolutivas em face do problema, com a devida assistência aos alunos delatores, uma vez que os professores lideram o ranking de agentes contraventores (Henriques; Merçon-Vargas; Rosa, 2023). Isso faz com que seja revelado e posto em evidência a relação hierárquica e de poder, que não deve existir, entre agressor e agredido (professor x aluno), uma vez que ao denunciar, o denunciante fica exposto à intimidações e perseguições cujo propósito é levar a desistência da denúncia e desestimular os demais a fazerem o mesmo.

4 METODOLOGIA

4.1 TIPO DE ESTUDO

A pesquisa tem um caráter transversal, descritivo com abordagem quantitativa. O estudo transversal é profícuo em análises descritivas, uma vez que possibilita organizar fenômenos e acontecimentos e decifrá-los, pois, não só possibilita a obtenção de dados fidedignos que permitem elaborar conclusões confiáveis e robustas, mas também provoca a formulação de novas hipóteses para pesquisas futuras. Destaca-se também como ideal para investigar um determinado fenômeno, tornando-se deveras vantajoso para a saúde pública. (Zangirolami-Raimundo; Echeimberg; Leone, 2018).

Gil (2002) elucida que a pesquisa descritiva possibilita a descrição das características de determinada amostra ou ocorrência e as relações com as variáveis. E a análise quantitativa interpreta informações em números para serem analisadas, munindo-se de métodos estatísticos (Gil, 2002 e Martins 2004).

4.2 LOCAL DO ESTUDO

O cenário de estudo foi a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Formação de Professores (CFP), campus Cajazeiras, Paraíba. A população do estudo se constituiu dos estudantes ativos nos cursos de graduação em Bacharelado de Enfermagem (269) e Medicina (197) e a amostra definida em 95 (55 e 40 por curso respectivamente), calculada a partir da fórmula para população finita, utilizando a calculadora on-line Open Epi¹.

4.3 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Foram utilizados como critérios de inclusão estudantes matriculados do 1º ao 12º período nos cursos da área de saúde da Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, campus Cajazeiras-PB, com maioria penal. Os critérios de exclusão são estudantes que estavam afastados desta IES por quaisquer motivos no período da coleta de dados.

4.4 COLETA DE DADOS

A seleção dos discentes se deu de maneira aleatória, a partir da lista de matrícula, com a realização de sorteio para definir o intervalo entre os(as) alunos(as).

O acesso às salas de aula e aos alunos para a aplicação dos questionários se deu após a devida autorização das coordenações de curso. Antes da aplicação do questionário, foi explicado o teor da pesquisa no coletivo, e, aos selecionados com base no intervalo. Foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para leitura, esclarecimento de dúvidas, assinatura e anuência da pesquisa. Só após esta etapa foi entregue o instrumento de coleta de dados aos favoráveis à participação para ser preenchido de próprio punho. No campo da identificação, os participantes foram instruídos a utilização de abreviações ou pseudônimos, a fim de garantir o anonimato. Após preenchidos e devolvidos, os questionários foram colocados em envelope exclusivo, separado do TCLE, de forma a impedir a identificação do participante.

4.5 ANÁLISE DOS DADOS

Após a aplicação de todos os questionários, eles foram enumerados e os dados compilados em tabela do Excel posteriormente transposta para o programa SPSS versão 20.0, a partir do qual foi realizada a análise dos dados, com estatística descritiva, utilizando proporção e média com desvio padrão, além do Teste de Qui Quadrado, para identificar a relação entre as variáveis. A apresentação dos dados se deu em gráficos e tabelas e sua discussão se deu à luz da literatura pertinente.

4.6 ASPECTOS ÉTICOS

Destaca-se que esta pesquisa é parte de um projeto maior, e que envolve seres humanos, sendo a mesma submetida ao Comitê de Ética do Centro Universitário Santa Maria (UNIFSM), aprovada sob nº 7.074.936. Importante ressaltar que se seguiu os princípios descritos na Resolução nº 466/2012 que trata da pesquisa com seres humanos.

Por se tratar de uma pesquisa sem intervenção física direta, os possíveis riscos que podem surgir são mínimos e podem estar relacionados ao constrangimento ou desconforto emocional pela lembrança de eventos ocorridos.

Para reduzir eventuais danos, o aluno foi instruído a só responder o que lhe fosse confortável e seguro. Caso houvesse danos, a pessoa receberia assistência psicológica, em uma escuta qualificada e/ou outra assistência por parte da pesquisadora responsável, que também é psicóloga. Em qualquer momento, se o indivíduo sofresse algum dano comprovado decorrente desta pesquisa, a pessoa poderia buscar o direito de ser indenizado.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como toda pesquisa, a limitação do estudo está relacionada ao não preenchimento de algumas perguntas, bem como a dependência da completude das respostas, uma vez que trata da exposição de fatos e sentimentos individuais, muitas das vezes reprimidos. Porém, isso não tira o mérito da pesquisa, e serve como estímulo para dar vez e voz às pessoas vítimas de violência.

O perfil dos participantes está descrito na Tabela 1, considerando a condição de ocorrência de violência e a correlação entre as variáveis com a aplicação do Teste de Qui-Quadrado, com correlação significativa ao nível de 5% (significância de 0,05).

Tabela 1 – Perfil da amostra segundo a ocorrência de violência

Variável	Condição	Sofreu alguma violência				Total		Teste X2
		Não	%	Sim	%	N (95)	%	
Raça	Não Branca	19	63,2	39	60,0	58	61,1	<0,001
	Branca	11	36,7	26	40,0	37	38,9	
Gênero	Mulher Cis	21	70,0	44	67,7	65	68,4	
	Homem Cis	9	30,0	20	30,8	29	30,5	
	Outro	0	0,0	1	1,5	1	1,1	
Orientação sexual	Heterossexual	21	70,0	50	76,9	71	74,7	
	Homossexual	1	3,3	4	6,2	5	5,3	
	Bissexual	4	13,3	7	10,8	11	11,6	
	Outro	0	0,0	1	1,5	1	1,1	
	Não respondeu	4	13,3	3	4,6	7	7,4	
Curso	Enfermagem	12	40,0	43	66,2	55	57,9	<0,016
	Medicina	18	60,0	22	33,8	40	42,1	
Moradia	Cajazeiras	26	86,7	35	53,8	61	64,2	<0,017
	Residência Universitária	2	6,7	8	12,3	10	10,5	
	Outro	2	6,7	20	30,8	22	23,2	
	Não informado	0	0,0	2	3,1	2	2,1	

Fonte: Elaborada pela autora, 2025.

A amostra revela que a média de idade foi 23,37, com mínima de 18 e máxima de 40 anos, e o desvio padrão de 4,312. Percebe-se haver uma faixa etária de estudantes muito heterogênea, fazendo com que seja uma amostra que varia de pessoas com diversos níveis de maturidade, o que impacta diretamente no enfrentamento dos problemas que surgem na vida acadêmica. Destaca-se que 77,89% dos participantes estão na faixa etária entre 18 e 24 anos, dado que converge com o estudo de Ramos *et al.* (2022) cuja idade mais

recorrente foi de 18 à 23 anos, resultado que vai de encontro ao do Instituto Semesp (2020) e do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) (2023) onde o intervalo ficou de 19 a 24 anos.

Em contrapartida, Minayo, Pinto e Silva (2022) encontraram uma idade situada de 18 a 39 anos, e Cardoso, Mohr e Marcon (2020) de 11 a 20 anos. Apesar dos dados divergirem entre si, não se pode ser muito rígido na análise, uma vez que parte do intervalo das idades se enquadra em parte das duas pesquisas, e ainda, há de se considerar os ambientes e critérios adotados, que são diferentes, demonstrando que sempre há o viés de sujeito, tempo e lugar em cada estudo.

Ainda no tocante ao perfil, para se trabalhar a variável raça/cor foi feita a dicotomização em Branca e Não Branca (pretos, pardos, amarelos e indígenas). Os dados revelam uma maioria de raça/cor autodeclarada de Não branca (61,05%), uma realidade que destoa do acesso às universidades, que se dá geralmente pela raça/cor branca, uma vez que são estes os que têm mais acesso a uma formação secundarista preparatória mais robusta. Estudo de Mariuzzo (2023), com dados do INEP de 2021, corrobora esta fala, pois revela que a maior parte dos universitários é da cor branca.

No tocante ao gênero, o mais prevalente foi o de mulher cis (68,40%). Tal perfil pode sofrer influência do curso de Enfermagem, que além de ter mais componentes, também é uma profissão considerada essencialmente feminina. Devido a questões culturais, as graduações de Enfermagem sofrem um processo de feminização em razão da associação da figura feminina ao processo de cuidar, uma vez que tais cursos são formados, majoritariamente, por mulheres (Ramos *et al.* 2022). O curso de Medicina não destoa muito da Enfermagem, uma vez que, nesta pesquisa, o perfil daquele corresponde a 57,5% de mulheres, não obstante da análise evidenciada por Visgueira, Chaves e Batista (2021), onde 63,11% eram do gênero feminino no referido curso.

Outrossim, a maioria da amostra se declara heterossexual (74,7%), dado este que converge com Visgueira, Chaves e Batista (2021), que na sua amostra, 88,52% se declararam heterossexuais. Um estudo realizado em 2015 com mais de 1800 universitários de todo o território brasileiro, evidenciou que 67% das mulheres já sofreram algum tipo de violência por homens. Já destes, apenas 2% dos entrevistados reconhecem espontaneamente terem praticado algum tipo de violência (Instituto Avon; Data Popular; ONU Mulheres Brasil, 2015), podendo está atrelado ao fato de que, a violência, seja qual forma for, está presente e naturalizada nos círculos sociais devido à construção histórica do

machismo e patriarcalismo. Entretanto, não só o público heterossexual está suscetível a este fenômeno, mas também outros estudados podem sofrer preconceito por terem orientação sexual divergente da estipulada pela sociedade heteronormativa. Maito (2022) afirma que qualquer violência contra mulher é baseada em gênero, visto que seu agressor, quase em sua totalidade, são homens.

Outro ponto que merece destaque é o local de moradia, onde se percebe que 64,20% moram em Cajazeiras, cidade do campus universitário investigado, caracterizando um grupo que está longe da família, e por isso, não contando com o apoio necessário para os casos de violência que possam sofrer. Gomes, Leitão, Santos e Zanotti (2023) afirmam que a falta de redes de apoio constitui um fator prejudicial, dado que gera adoecimento psíquico e mental.

Todas essas variáveis apontam os sujeitos da pesquisa como vulneráveis a sofrerem algum tipo de violência, e isso se confirma quando 68,42% dos participantes foram vítimas em algum formato. Um dado preocupante, pois demonstra que a universidade pública está se constituindo um local para prática de violência, seja de qual forma for, e os agressores agindo como se fosse algo natural nas relações. Pesquisas realizadas mostraram que mais da metade da amostra investigada já sofreu algum tipo de violência na esfera acadêmica (Fialla, Larocca, Chaves, Lourenço, 2022). Basso, Fontane e Laurenti (2022) afirmam que o ambiente universitário se constitui um espaço de adoecimento, por se configurar ideal para a propagação da violência, devido a vulnerabilidade do alunado e a relação de poder entre os servidores e eles. Ademais, por se constituir de mulheres cis e da Enfermagem, há uma erotização da sua imagem, pois, como afirmam Ramos *et al.* (2022), a imagem da enfermeira é alvo de fetichização e geralmente associada a fantasias sexuais e vilipendiosas, o que desencadeia a sujeição de discentes a situações de violências.

Na Tabela 2 estão apresentadas as 18 questões que envolvem algum ato de violência. Para a confecção da mesma, adotou-se a apresentação das questões por número e sua descrição está disposta no Quadro 1 a seguir.

Quadro 1 – Questões que identificam algum tipo de abordagens de violência

Questão	Pergunta
Questão 1	Você já se sentiu ofendido(a), humilhado(a), ridicularizado(a), ameaçado(a) ou constrangido(a) na frente de outras pessoas?
Questão 2	Alguém gritou com você ou te xingou?
Questão 3	Alguém usou redes sociais ou celular para ameaçar, ofender, xingar ou expor imagens suas sem o seu consentimento?
Questão 4	Alguém te ameaçou de ferir ou machucar alguém importante para você?
Questão 5	Alguém destruiu alguma coisa sua de propósito?
Questão 6	Alguém te socou, chutou, estapeou, esbofeteou, tentou (ou conseguiu) estrangular, asfixiar, queimar propositalmente, de maneira reiterada e repetitiva, com intuito de amedrontar e intimidar, causando angústia
Questão 7	Alguém te empurrou, arrastou pelo cabelo, segurou com força ou jogou algo em você com a intenção de machucar, de maneira reiterada e proposital, com o intuito de amedrontar e intimidar causando angústia
Questão 8	Alguém te ameaçou ou feriu com faca, arma de fogo ou alguma outra arma ou objeto, de maneira reiterada e proposital, com o intuito de amedrontar e intimidar, causando angústia ou dor?
Questão 9	Alguém te ameaçou, constrangeu, humilhou, manipulou, isolou, chantageou e/ou ridicularizou, de maneira reiterada e proposital, com o intuito de amedrontar e intimidar causando angústia ou dor?
Questão 10	Você sofreu isolamento, afastamento, marginalização, segregação, separação ou foi tratada com hostilidade por sua cor, raça, etnia, classe social, deficiência, idade, religião, sexo ou orientação sexual?
Questão 11	Alguém tocou, manipulou, beijou ou expôs partes do seu corpo contra sua vontade?
Questão 12	Alguém lhe ameaçou ou forçou a ter relações sexuais ou quaisquer outros atos sexuais contra sua vontade?
Questão 13	Sentiu-se constrangida por palavras ou atos obscenos dirigidos a sua pessoa?
Questão 14	Recebeu cantadas ou investidas insistentes mesmo após ter dito “não”?
Questão 15	Recebeu fotos ou mensagens de conteúdos pornográficos sem ter requisitado?
Questão 16	Tocaram em alguma parte do seu corpo mesmo sem ser consentido?
Questão 17	Recebeu algum convite inapropriado de cunho sexual?
Questão 18	Prometeram algo em troca de favores sexuais?

Fonte: Elaborada pela autora, 2025.

Tabela 2 – Distribuição dos tipos de abordagens de violência segundo a raça

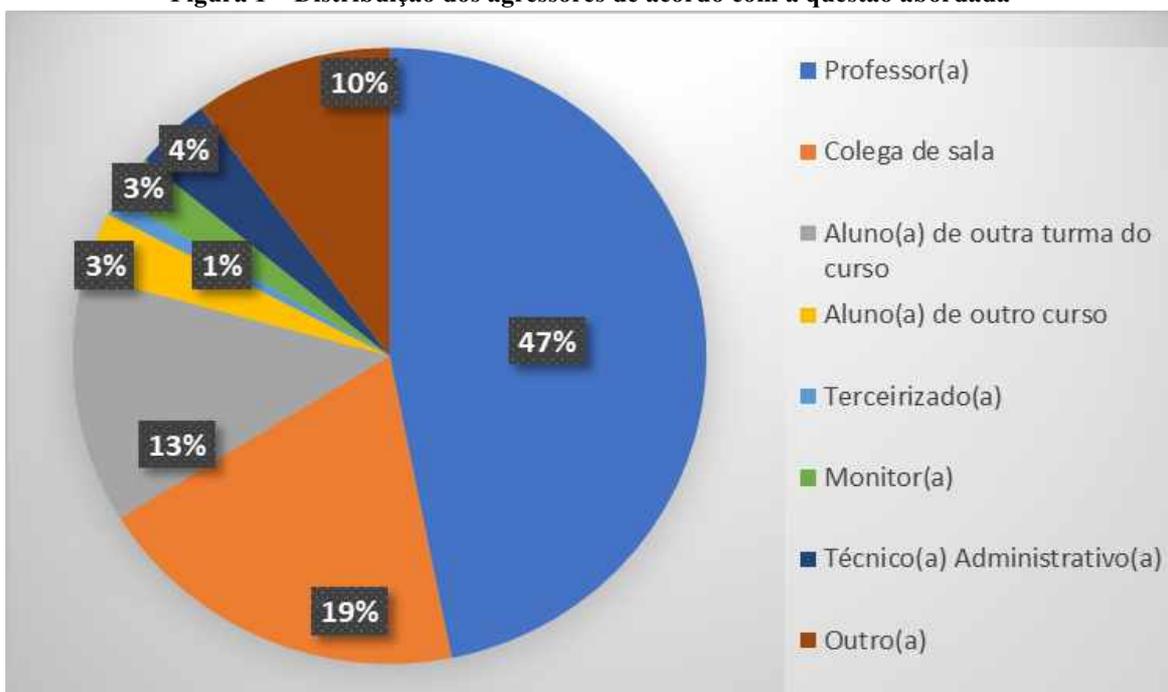
Variável	Condição	Sofreu alguma violência				Total		Teste x ²
		Não	%	Sim	%	n	%	
Questão 1	Não	30	100,0	14	21,5	44	46,3	<0,001
	Sim	0	0,0	51	78,5	51	53,7	
Questão 2	Não	30	100,0	49	75,4	79	83,2	<0,003
	Sim	0	0,0	16	24,6	16	16,8	
Questão 3	Não	30	100,0	58	89,2	88	92,6	
	Sim	0	0,0	7	10,8	7	7,4	
Questão 4	Não	30	100,0	62	95,4	92	96,8	
	Sim	0	0,0	3	4,6	3	3,2	
Questão 5	Não	30	100,0	64	98,5	94	98,9	
	Sim	0	0,0	1	1,5	1	1,1	
Questão 6	Não	30	100,0	50	75,9	80	84,2	<0,004
	Sim	0	0,0	15	23,1	15	15,8	
Questão 7	Não	30	100,0	64	98,5	94	98,9	
	Sim	0	0,0	1	1,5	1	1,1	
Questão 8	Não	30	100,0	64	98,5	94	98,9	
	Sim	0	0,0	1	1,5	1	1,1	
Questão 9	Não	30	100,0	40	61,5	70	73,7	<0,001
	Sim	0	0,0	25	38,5	25	26,3	
Questão 10	Não	30	100,0	59	90,8	89	93,7	
	Sim	0	0,0	6	9,2	6	6,3	
Questão 11	Não	30	100,0	60	92,3	90	94,7	
	Sim	0	0,0	5	7,7	5	5,3	
Questão 12	Não	30	100,0	64	98,5	94	98,9	
	Sim	0	0,0	1	1,5	1	1,1	
Questão 13	Não	30	100,0	55	84,6	85	89,5	<0,023
	Sim	0	0,0	10	15,4	10	10,5	
Questão 14	Não	30	100,0	54	83,1	84	88,4	<0,017
	Sim	0	0,0	11	16,9	11	11,6	
Questão 15	Não	30	100,0	60	92,3	90	94,7	
	Sim	0	0,0	5	7,7	5	5,3	
Questão 16	Não	30	100,0	60	92,3	90	94,7	
	Sim	0	0,0	5	7,7	5	5,3	
Questão 17	Não	30	100,0	61	93,8	91	95,8	
	Sim	0	0,0	4	6,4	4	4,2	
Questão 18	Não	30	100,0	64	98,5	94	98,9	
	Sim	0	0,0	1	1,5	1	1,1	

Fonte: Elaborada pela autora, 2025.

Observa-se na Tabela 2 que os atos de violência mais frequentes foram exatamente os que mantiveram maior correlação para que ela ocorresse: Q1= ser ofendido(a), humilhado(a), ridicularizado(a), ameaçado(a) ou constrangido(a) na frente de outras pessoas (78,5% - $p < 0,0001$); Q9= ser ameaçado, constrangido, humilhado, manipulado, isolado, chantageado e/ou ridicularizado, de maneira reiterada e proposital (38,5% - $p < 0,0001$); Q2= ser gritado ou xingado (24,6% - $p = 0,003$); Q6= ser socado, chutado, estapeado, esbofeteado, estrangulado, asfíxiado, queimado propositalmente, de maneira reiterada e repetitiva (23,1% - $p = 0,004$); Q13= ser constrangido(a) por palavras ou atos obscenos dirigidos a sua pessoa (15,4% - $p = 0,023$); Q14= receber cantadas ou investidas insistentes mesmo após dizer “não”(16,9% - $p = 0,017$).

Na Figura 1 está apresentada a distribuição dos agressores de acordo com a frequência com que foram citados em cada questão abordada. Das 18 questões respondidas pelos participantes da pesquisa, a figura do professor só não aparece como agressor na 5, 7, 11, 14, 16, 17 e 18, se destacando com 47% das indicações, seguido do colega de classe (19%) e aluno de outra turma do curso (13%).

Figura 1 – Distribuição dos agressores de acordo com a questão abordada



Fonte: Elaborada pela autora, 2025.

Os atos de violência assumem formatos muitas das vezes naturalizados ou legitimados culturalmente, onde as pessoas vítimas não os percebem como tal, ou se os percebem pelo sofrimento que lhes causaram, silenciam, pois os seus pares, na maioria das vezes, têm o mesmo comportamento: silenciam, ignorando o ocorrido, como se a dor do

outro não sendo a sua dor e/ou não merecesse atenção. Não denunciar faz com que o agressor ganhe poder e força para continuar agindo.

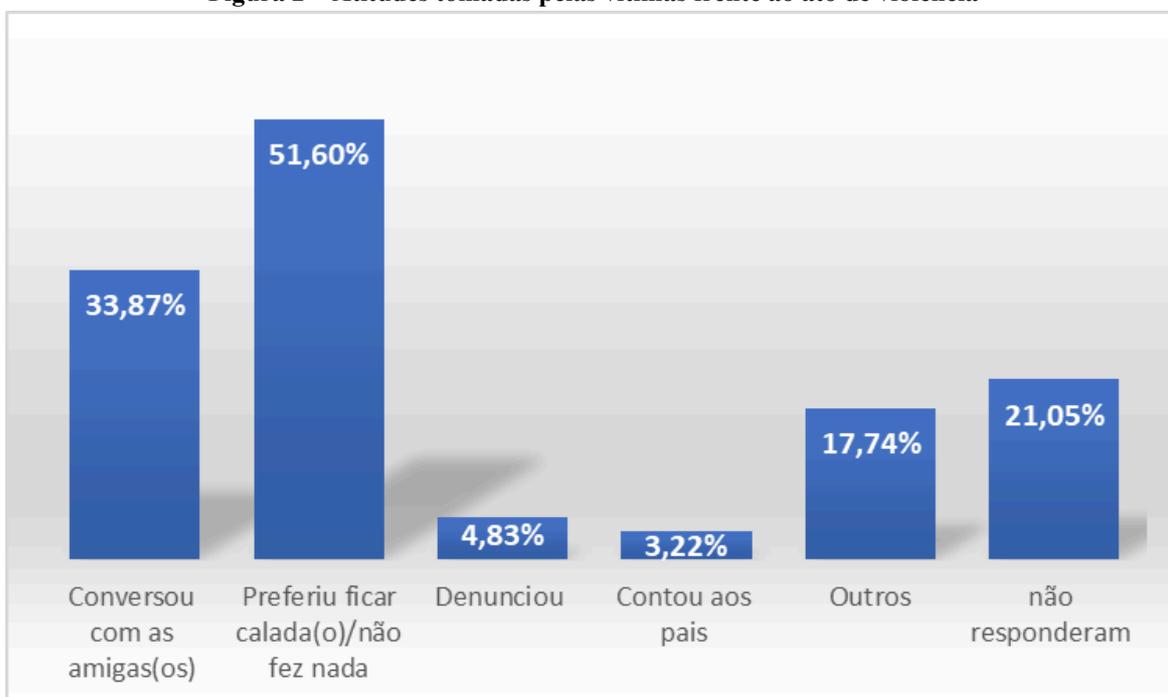
Em sua pesquisa desenvolvida com alunas do primeiro ao oitavo período matriculadas nos três cursos de graduação em Enfermagem da UFCG, a qual incluía o curso do campus CFP (aqui também analisado), Ramos *et al.* (2022) revelaram que 25,1% foram assediadas por professores e 14,7% por colegas de sala, dados estes que corroboram, em grau, com os aqui listados, evidenciando que o fato da não denúncia faz com que a prática de violência se perpetue pelo ambiente acadêmico estudado.

Com relação ao período no qual o estudante se encontra e a ocorrência de algum ato de violência contra ele, os dados revelam que em qualquer período os atos estiveram presentes, porém os de maior registro foram 5º, 6º, 9º e 11º, onde 100% dos participantes referiram ter sido alvo, seguido de 2º, 4º, 8º e 10º com (66,67%). Há uma nítida percepção de que a violência não escolhe tempo e nem espaço para ocorrer, porém se evidencia que quanto mais se adentra no curso, se tornando mais maduro na instituição, mais as vítimas passam a se reconhecer e expressam mais coragem para expor o tema. Os resultados de uma pesquisa revelaram uma discrepância na qualidade de vida entre os ingressantes do ano inicial e os estudantes do último ano do curso, estando relacionado ao impacto da violência experienciada mediante ingresso (Anversa *et al.*, 2018).

Souza, França e Pereira (2020) identificaram que a maioria dos fenômenos de violências investigadas ocorreram nos dois primeiros anos do curso, o que aponta uma preferência por interpelar estudantes que estão em fase de adaptação à nova realidade e que não disponham de redes locais de apoio, muitas vezes por serem oriundos de outras cidades, marcando, assim, um padrão de atuação dos docentes violadores.

Nas Figuras 2 e 3 estão expostas as atitudes da vítima frente ao ato de violência sofrida e a motivação para tal feito. O percentual se torna superior a 100% porque o participante podia responder com mais de uma alternativa.

Figura 2 – Atitudes tomadas pelas vítimas frente ao ato de violência

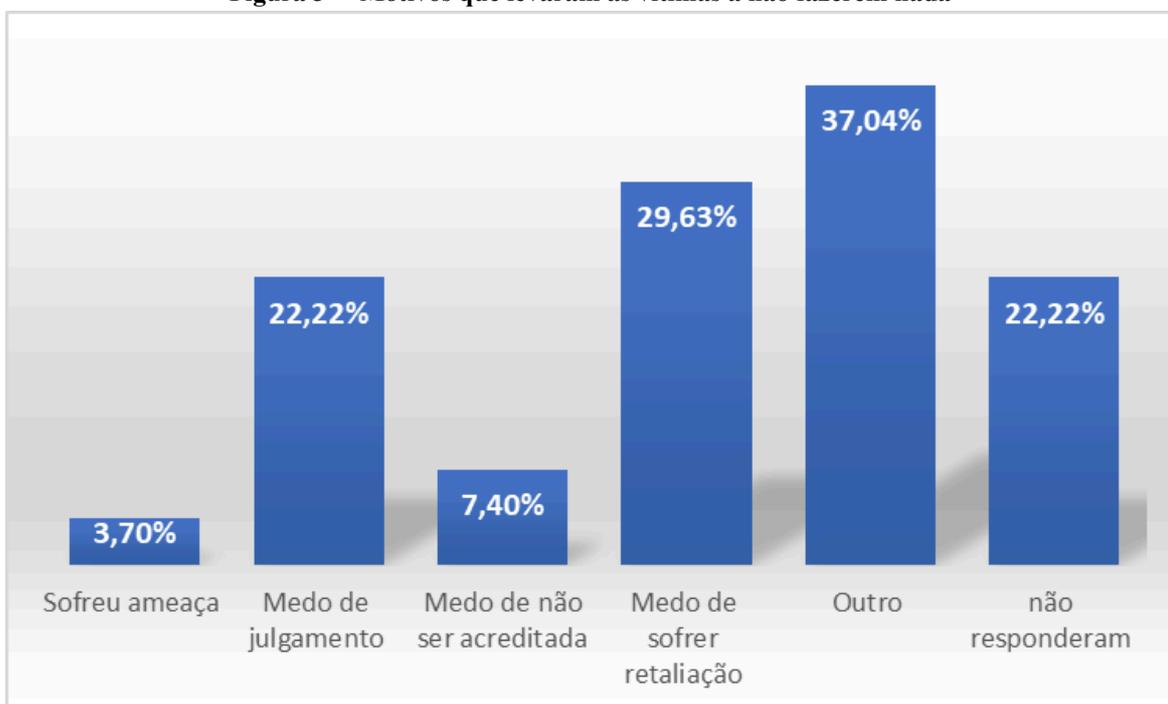


Fonte: Elaborada pela autora, 2025.

Nota-se na Figura 2, que a maioria das vítimas preferiu silenciar (51,60%) e apenas 4,83% resolveu denunciar formalmente. Na figura 3 entende-se que tais atitudes se deram por medo (59,25%), principalmente de sofrer retaliação (29,63%) (Santos; Melo; Santiago, 2020 e Ramos *et al.* 2022 *apud* Benya *et al.* 2018). Há de se convir que não é um medo infundado, pois se o agressor é o professor, uma vez que o docente exerce superioridade e dado que é este a realizar, corrigir e registrar avaliações de rendimento acadêmico, fato presume-se de que pode retaliar o delator, reduzindo seu rendimento e, conseqüentemente, reprovando-o por deter nas mãos o poder de reprovação (Santos; Melo; Santiago, 2020). Esta situação última leva a um atraso na finalização de curso e sujeição a possíveis novas reprovações, sendo o docente a ministrar aquela mesma disciplina, levando a vítima a ter que encarar o seu agressor por um novo período.

Essa realidade deixa a vítima sem escapatória, restando a ela aceitar e não denunciar, caso contrário ficará prejudicada (Souza; França; Pereira, 2020). Outrossim, Ramos *et al.* (2022) também acreditam que, além do desconhecimento quanto aos tipos de violências, a naturalização das práticas de violências podem acarretar na subnotificação dos casos. Portanto, a hierarquização da relação aluno-professor constitui uma condição favorável para o acontecimento dessas condutas abusivas (Ramos *et al.* 2022 *apud* Ximenes & Braga, 2017).

Figura 3 – Motivos que levaram as vítimas a não fazerem nada



Fonte: Elaborada pela autora, 2025.

Percebe-se ainda que, para não ficar com a violência para si mesmas, as vítimas buscaram conversar com seus amigos (33,87%), talvez por partilharem do mesmo infortúnio, ou apenas para se sentirem acolhidas. Ramos *et al.* (2022) identificaram que 47,1% das alunas questionadas conversaram com as amigas. Ademais, muitas das vezes falar para os pais gera o medo dos mesmos virem fazer “justiça”.

A análise do Teste de Qui-Quadrado revelou que as variáveis raça ($p < 0,001$), o curso que frequenta ($p = 0,016$) e o local de moradia ($p = 0,017$) tem correlação significativa para a ocorrência de violência. Assim pode-se inferir que ser da raça não branca, cursar enfermagem e morar longe dos pais, na cidade onde estuda, são condições que favorecem a pessoa a ser vítima de atos de violência, reforçando toda a discussão realizada no perfil da amostra.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente, a violência, seja de qual forma for, se perpetua na sociedade de maneira natural e não seria diferente no espaço universitário, uma vez que o ser humano tende a replicar atos e ações costumeiras do seu cotidiano, devido ao patriarcalismo e machismo que coloca o homem na posição de domínio do gênero feminino e outros grupos sociais.

Os atos de violência identificadas na análise são: assédio moral, violência psicológica, *bullying* ou intimidação sistemática, discriminação, importunação sexual e assédio sexual. A Universidade Federal de Campina Grande prevê, em sua Resolução nº 03/2022, a tipificação e punibilidade de quatro dos seis tipos apontados, o que requer uma revisão dessa normativa para a inclusão dos outros dois tipos, bem como estipular o meio para denúncia e mecanismos executáveis de investigação e punição do agressor, acolhimento, suporte e proteção às vítimas.

A pesquisa evidenciou que o perfil das vítimas é: mulher, não branca, homossexual, que está longe de casa – mora em Cajazeiras – e cursa enfermagem. Já o perfil do agressor se destaca na maioria como professor e colega de sala, o que representa a relação hierárquica entre professor-aluno, colocando o estudante na vulnerabilidade e silenciando-o no caso de ocorrência da violência, levando a vítima a não fazer nada e/ou preferir ficar calada por medo, principalmente, de retaliação possibilitada pela relação de poder instituída, mas não legitimada, do docente sobre o discente.

De acordo com os perfis das condições de vítima e agressor descritos acima, percebe-se que o ciclo da violência começa do seguinte: a hierarquização da relação professor-aluno, muitas vezes não reconhecida pelas instituições de ensino onde o docente se sente superior aos alunos; a identificação da vítima a sofrer violência em qualquer uma de suas formas, dentro de sala de aula ou não - pois não há a necessita ser, a vítima, discente de alguma disciplina do agressor; a prática da ilicitude, por parte do agressor, respaldada na confiança de não ser penalizado em virtude de saber que aquela vítima cursa alguma disciplina ministrada por ele ou poderá cursar futuramente; e por fim, a retaliação perpetrada em caso de a vítima apresentar alguma tolerância ao assédio/violência - e a consequente denúncia às instituições competentes - que pode ocorrer por meio da redução do índice rendimento acadêmico ou da reprovação. A completude deste ciclo deixa a vítima sem escapatória, pois mesmo diante da promoção da denúncia, por sua parte, a

morosidade no trâmite processual, ou até mesmo o cooperativismo profissional, poderão minar a reação legítima da vítima, submetendo-a a constrangimentos e deixando-a vulnerável a sofrer continuamente, sem pôr fim a este ciclo de violência.

Souza, França e Pereira (2020) coadunam com este pensamento, uma vez que exprimem:

[...] o professor utilizada de sua posição de ascendência seja para produzir, simultaneamente, uma espécie de punição por não ter obtido o resultado esperado com as investidas anteriores e produzir uma tensão subjetiva, procurando construir uma situação da qual não há escapatória do exercício do poder masculino, seja cedendo às investidas, seja sendo prejudicada.[...]

Pode-se atrelar esta ineficiência dos meios de combate e prevenção *supra* citados não só à imparcialidade dos agentes apuradores – por serem estes da mesma instituição e, muitas vezes, colegas de trabalho dos agressores – mas também a impraticabilidade das normatizações, haja vista que a elaboração de estratégias sem aplicabilidade não resultará em resultados eficazes, o que reverbera na não delação.

Outrossim, Souza, França e Pereira (2020) citam que devido à perseguição, as vítimas resolveram não frequentar os mesmo espaços e desistiram de cursar ou concluir disciplinas ministradas pelo agressor, e que, dentre muitos casos, apenas uma vítima relatou o caso à instância administradora da instituição, mas que não obteve solução, além de perceber que o agressor foi protegido.

Tal fato pode vir a prejudicar a formação destes alunos vitimados, pois, em alguns cenários, o agressor é o único docente especialista para tal disciplina, o que submete a vítima, mais uma vez, a situação de difícil escolha entre desistir do curso ou viver o constrangimento da violência perpetrada pelo professor, podendo até ser desacreditada em casos de denúncia.

Situações como esta apresentada acima expõem as inúmeras camadas que obscurecem a violência negligenciada, como o caso do corporativismo profissional, uma vez que quem recebem e apuram as denúncias são os colegas de trabalho do ofensor, sendo da mesma unidade, *campus* ou universidade. Podemos, ainda, citar: a falta de capacitação das pessoas que constituem as comissões designadas para apurar os delitos; a não participação da comunidade discente, uma vez que a maioria dos casos investigação são postos sob sigilo; a falta de uma rede de apoio entre universidade, sociedade, justiça extrainstitucional e serviços de saúde, buscando um engajamento dessas unidades

formadoras de opinião, no intuito de reordenar e ressignificar o suporte às vítimas, entre outros.

Diante da conjuntura deste fenômeno exposto, qual seja, a violência - que acontece de inúmeras maneiras nas IES - percebe-se a urgência do engajamento da Administração Pública e do Poder Judiciário na propositura de ações direcionadas à prevenção, reconhecimento, denúncia, responsabilização e suporte às vítimas dessa violação, com a ressalva de que o Poder Judiciário e os demais auxiliares da justiça (Ministério Público e Defensoria Pública, por exemplo) - para além do seu escopo persecutório e punitivo - podem atuar junto às instituições de ensino promovendo a educação e conscientização sobre o tema. Ainda que existam algumas regulamentações em poucas instituições, todavia persiste uma inoperância institucional perante às denúncias recebidas (Souza, 2021). As punições ainda são insipientes e isso faz com que a vítima silencie. Dessa forma, é preciso fortalecer os canais de denúncia, apoio às vítimas e celeridade nos processos punitivos.

REFERÊNCIAS

ANVERSA, Andreisi Carbone; SANTOS FILHA, Valdete Alves Valentins dos; SILVA, Emilyn Borba da; FEDOSE, Elenir. Qualidade de vida e o cotidiano acadêmico: uma reflexão necessária. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 26, n. 3, p. 626–631, jul. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadbto/a/YnZkylJVLNbG33mKrn4wwng/#>. Acesso em: 22 set. 2023.

BASSO, Mariana Silva; FONTANA, Jordana; LAURENTI, Carolina. Violência sexual e saúde mental de universitários: uma sistematização da literatura brasileira. **Psic. Rev. São Paulo**, vol 31, n. 2, 385-411, 2022. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/53181>>. Acesso em: 26 abr. 2024. DOI: <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2022v31i2p385-411>.

BEGGIATO, Sheila; HACKENBERG, Crismarie; OLIVEIRA, Valdomiro de; VAGETTI, Gislaine. Violência no Contexto do Ensino Superior: Uma Revisão de Escopo. **Revista InCantare**, vol. 16 no. 1. nov. 2023 ISSN: 2317-417X / Curitiba. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/incantare/article/view/8174/5742>>. Acesso em: 26 abr. 2024. DOI: <https://doi.org/10.33871/2317417X.2022.16.1.8174>.

BELLINI, Daniela Mara Gouvêa. **Violência contra mulheres nas Universidades: contribuições da produção científica para sua superação** (Scielo e Web of Science 2016 e 2017). 2018. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/9942>>. Acesso em: 27 abr. 2024.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Art. 52. Brasília: Câmara dos Deputados, 2019. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=178291#:~:text=52%20da%20Lei%20n%C2%BA%209.394%2C%20de%201996%2C%20entende%2Dse,de%20extens%C3%A3o%2C%20planejamento%20e%20avalia%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 26 abr. 2024.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Lei nº 9.459, de 13 de maio de 1997**. Altera os arts. 1º e 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, e acrescenta parágrafo ao art. 140 do Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Diário Oficial da União, Seção 1, de 14 de maio de 1997, p. 9901. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19459.html>. Acesso em: 26 abr. 2024.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 1.521, março de 2019**. Altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para tipificar o assédio moral. Brasília: Câmara dos Deputados, 2019. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=7928042&ts=1552946414325&disposition=inline#:~:text=%E2%80%9CAss%C3%A9dio%20moral,da%20pena%20correspondente%20%C3%A0%20viol%C3%Aancia>>. Acesso em: 02 mar. 2024.

BRASIL. **Decreto-Lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940**. Código Penal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decretolei/Del2848compilado.htm. Acesso em 27 de Jan. 2025.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado Federal; 1988.

Brasil. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

Resumo técnico do Censo da Educação Superior 2021 [recurso eletrônico].

– Brasília, DF : Inep, 2023. Disponível em:

<https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_da_educacao_superior_2021.pdf>. Acesso em: 06 de fev. 2025.

CARDOSO, Amanda da Rosa; MOHR, Ana Caroline; MARCON, Chaiana Esmeraldino Mendes. Prevalência de violência em acadêmicos de uma Universidade no Sul de Santa Catarina. **Repositório Universitário da Ânima (RUNA)**, Trabalho de Conclusão de Curso, UNISUL / Tubarão, dez 2020. Disponível em:

<<https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/15438>>. Acesso em: 26 abr. 2024.

CONSELHO NACIONAL DO MINISTÉRIO PÚBLICO. Violência Institucional.

Conselho Nacional Do Ministério Público. Brasília. 2022. Disponível em:

<<https://www.cncmp.mp.br/defesadasvitas/vitimas/violencia-institucional>>. Acesso em 27 de abr. 2025.

FIALLA, Melissa dos Reis Pinto Mafra; LAROCCA, Liliana Müller; CHAVES, Maria Marta Nolasco; LOURENÇO, Rafaela Gessner. As violências na percepção de jovens universitários. **Acta Paulista de Enfermagem**. 2022;35:eAPE039012734.

Disponível em:

<<https://acta-ape.org/en/article/violence-in-the-perception-of-young-university-students/>>. Acesso em: 22 set. 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.37689/acta-ape/2022AO012734>.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2019. IBGE.

Sidra: Banco de Tabelas Estatísticas. Disponível em:

<<https://sidra.ibge.gov.br/home/ipca/brasil>>. Acesso em: 27 abr. 2024.

INSTITUTO AVON; Data Popular; ONU Mulheres Brasil. **Violência contra a Mulher no Ambiente Universitário**. ONU Mulheres Brasil, 2015. Disponível em:

https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2015/07/Pesquisa-Instituto-Avon_V9_FINAL_Bx-2015-1.pdf. Acesso em: 26 de jan. 2025.

INSTITUTO SEMESP. **Mapa do Ensino Superior no Brasil 2020** [PDF]. São Paulo: SEMESP, 2020. Disponível em:

<<https://www.semesp.org.br/wp-content/uploads/2020/04/Mapa-do-Ensino-Superior-2020-Instituto-Semesp.pdf>>. Acesso em: 06 de fev. 2025.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Lucélia Maria Lima Da Silva; LEITÃO, Heliane De Almeida Lins; SANTOS, Kyssia Marcelle Calheiros; ZANOTTI Susane Vasconcelos. Saúde mental na universidade: ações e intervenções voltadas para os estudantes. **Educação em Revista**, v. 39, p. e40310, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/wpFT8qpYkFN3JgWS5XD9qJD/#>. Acesso em: 22 set. 2023.

HENRIQUES, Catarina Gordiano Paes; MERÇON-VARGAS, Elisa Avellar; ROSA, Edinete Maria. Vivências de Violência e Percepção do Medo entre Estudantes Universitários. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 49–70, 2023. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/75298>>. Acesso em: 27 abr. 2024. DOI: 10.12957/epp.2023.75298.

MAITO, Deíse Camargo. **Violência baseada em gênero na universidade: percepções e enfrentamento na Universidade de São Paulo — Campus Ribeirão Preto**. 2022. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2022. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/17/17139/tde-20062022-155852/>>. Acesso em: 27 abr. 2024.

MAITO, Deíse Camargo; PANÚNCIO-PINTO, Maria Paula; VIEIRA, Elisabeth Meloni. Violência interpessoal no ambiente acadêmico: percepções de uma comunidade universitária. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 26, p. e220105, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/kpCJk543R95DBHhHNzYhv6y/#>. Acesso em: 22 set. 2023.

MARIUZZO, Patrícia. Novas cores e contornos na Universidade – o perfil do estudante universitário brasileiro: país avança na inclusão de estudantes no ensino superior, mas políticas públicas precisam de aperfeiçoamentos, especialmente as de permanência. **Cienc. Cult.** [online]. 2023, vol.75, n.1 [citado 2023-08-30], pp.01-06. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252023000100012&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0009-6725. <http://dx.doi.org/10.5935/2317-6660.20230012>. Acesso em: 06 de fev. 2025.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. **Metodologia qualitativa de pesquisa. Educação e Pesquisa**, v. 30, n. 2, p. 289–300, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/4jbGxKMDjKq79VqwO6t6Ppp/#>. Acesso em: 13 de Fev. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; PINTO, Liana Wernersbach; SILVA, Cosme Marcelo Furtado Passos da. A violência nossa de cada dia, segundo dados da Pesquisa Nacional de Saúde 2019. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, n. 9, p. 3701–3714, set. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/W5fnbCRYwfrLtSKvD4RzOqp/?lang=pt#>. Acesso em: 2 mar. 2024. <https://doi.org/10.1590/1413-81232022279.07532022>.

PANÚNCIO-PINTO, Maria Paula; ALPES, Matheus Franco; COLARES, Maria de Fátima Aveiro. Interpersonal Violence/Bullying Situations at the University: Academic Daily Life Clippings among Students from Undergraduate Health Programs. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 43, n. 1, p. 537–546, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/wP6R5VnrjvGWfzJLpzGZs6n/?lang=pt>. Acesso em: 22 set. 2023.

RAMOS, Weslaine Thalita Silva.; MEDEIROS, Francinalva Dantas de; RAMOS, Déborah Dornellas; GOMES, Anna Luiza Castro; NAGASHIMA, Alynne Mendonça Saraiva. “Não é não!”: situações de assédio sexual vivenciadas por acadêmicas de Enfermagem.

Research, Society and Development, [S. l.], v. 11, n. 11, p. e422111133210, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i11.33210. Disponível em:

<<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/33210>>. Acesso em: 1 abr. 2024.

SANTOS, Mônica Pereira dos; MELO, Sandra Cordeiro de; SANTIAGO, Mylene Cristina. Ensino Superior: entre docências e violências. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 15, n. esp. 2, p. 1449-1464, ago. 2020. e-ISSN: 1982-5587. Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/13799/9332>. Acesso em: 22 set. 2023. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v15iesp2.13799>.

SILVA, Edvan Washington Pereira da; MOREIRA, Maria Inês Badaró. Inserção na Universidade Pública e Permanência Estudantil: Estudante na Corda Bamba. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 272–278, 2022. DOI: 10.17921/2447-8733.2022v23n2p%p. Disponível em:

<https://revistaensinoeducacao.pgsscogna.com.br/ensino/article/view/9284>. Acesso em: 22 set. 2023.

SILVA, Maria Carmelita Maia et al. Caracterização dos casos de violência física, psicológica, sexual e negligências notificados em Recife, Pernambuco, 2012.

Epidemiologia e Serviços de Saúde, Brasília, v. 3, pág. 403-412, conjunto. 2013.

Disponível em:

<http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742013000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 nov. 2023.

<http://dx.doi.org/10.5123/S1679-49742013000300005>.

SOUZA, Janine Gudolle de. **Diferentes formas de violência no contexto universitário**: Experiências e representações da comunidade acadêmica. Dissertação (mestrado) –

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2021. Disponível em:

<<http://repositorio.ufsm.br/handle/1/23212>>. Acesso em: 27 abr. 2024.

SOUZA, Janine Gudolle de; ROSO, Adriane Rubio; SOUZA, Ana Flavia de. Violência contra mulheres na universidade: um estudo sobre as produções científicas latino-americanas. **Revista Ártemis**, [S. l.], v. 33, n. 1, 2022. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/56280>. Acesso em: 26 jan. 2025.

SOUZA, Rebeca Hennemann Vergara de; FRANÇA, Maria Paula da Silva; PEREIRA, Camila Macêdo. Violência de gênero e assédio sexual em uma Universidade Piauiense: aproximações ao campo de estudo / Gender violence and sexual harassment in a Piauiense University: approaches to the field of study. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 6, n. 5, p. 26705–26721, 2020. DOI: 10.34117/bjdv6n5-213. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/9886>. Acesso em: 14 Feb. 2025.

TAVARES, Luana Marcia Baptista ; BARBOSA, Fernando Cordeiro. Reflexões sobre a emoção do medo e suas implicações nas ações de Defesa Civil. **Ambiente & Sociedade**, v. 17, n. 4, p. 17–34, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/asoc/a/GJGRCHc9Ywf3qBB9hSkps8F/>. Acesso em: 31 de jan. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE. Conselho Universitário. **Resolução nº 03/2022, de 12 de abril de 2022**. Aprova Política de Prevenção e Combate ao Assédio Moral, ao Assédio Sexual e a Todas as Formas de Discriminação no âmbito da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, e dá outras providências. Campina Grande: Conselho Universitário, 2022. Disponível em: <https://www.sods.ufcg.edu.br/index.php/col-pleno/resolucoes?download=931:resolucao-n-03-2022>>. Acesso em 07 nov. 2023.

VISGUEIRA, Filipe Levy Leite; CHAVES, Suzanne Raquel Silva; BATISTA, Luiza Ivete Vieira. Análise do conhecimento de estudantes de medicina acerca da identidade de gênero. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45, n. 4, p. e192, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/Or8jpgZ4cpG8dRJC66QPxB/?lang=pt#>. Acesso em: 12 de Fev. 2025.

ZANGIROLAMI-RAIMUNDO, Juliana; ECHEIMBERG, Jorge de Oliveira; LEONE, Claudio. Tópicos de metodologia de pesquisa: Estudos de corte transversal. **J. Hum. Growth Dev.**, São Paulo , v. 28, n. 3, p. 356-360, 2018 . Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822018000300017&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 22 set. 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.7322/jhgd.152198>.

APÊNDICE 1 – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

FORMAÇÃO ACADÊMICA E A INTERFACE COM A VIOLÊNCIA: sofrer ou lutar?

Abreviação ou Pseudônimo: _____ Idade: _____ Raça: _____

Gênero: F() M() Orientação sexual: _____

Curso: _____ Período: _____

Moradia: () Residência universitária () Cajazeiras () Outra _____

Observação: TODAS AS PERGUNTAS ESTÃO RELACIONADAS A OCORRÊNCIA NO ÂMBITO DA UNIVERSIDADE.

1. Você já se sentiu ofendido(a), humilhado(a), ridicularizado(a), ameaçado(a) ou constrangido(a) na frente de outras pessoas?

SIM () NÃO ()

Se sim, quem? () Professor(a) () Colega de sala () Aluno(a) de outra turma do curso

() Aluno(a) de outro curso do campus () Terceirizado(a) () Monitor(a)

() Técnico(a) Administrativo(a) () Outro(a)

2. Alguém gritou com você ou te xingou?

SIM () NÃO ()

Se sim, quem? () Professor(a) () Colega de sala () Aluno(a) de outra turma do curso

() Aluno(a) de outro curso do campus () Terceirizado(a) () Monitor(a)

() Técnico(a) Administrativo(a) () Outro(a)

3. Alguém usou redes sociais ou celular para ameaçar, ofender, xingar ou expor imagens suas sem o seu consentimento?

SIM () NÃO ()

Se sim, quem? () Professor(a) () Colega de sala () Aluno(a) de outra turma do curso

() Aluno(a) de outro curso do campus () Terceirizado(a) () Monitor(a)

() Técnico(a) Administrativo(a) () Outro(a)

4. Alguém te ameaçou de ferir ou machucar alguém importante para você?

SIM () NÃO ()

Se sim, quem? () Professor(a) () Colega de sala () Aluno(a) de outra turma do curso

() Aluno(a) de outro curso do campus () Terceirizado(a) () Monitor(a)

() Técnico(a) Administrativo(a) () Outro(a)

5. Alguém destruiu alguma coisa sua de propósito?

SIM () NÃO ()

Se sim, quem? ()Professor(a) ()Colega de sala ()Aluno(a) de outra turma do curso
()Aluno(a) de outro curso do campus ()Terceirizado(a) ()Monitor(a)
()Técnico(a) Administrativo(a) ()Outro(a)

6. Alguém te socou, chutou, estapeou, esbofeteou, tentou (ou conseguiu) estrangular, asfixiar, queimar propositalmente, de maneira reiterada e repetitiva, com intuito de amedrontar e intimidar, causando angústia ou dor?

SIM () NÃO ()

Se sim, quem? ()Professor(a) ()Colega de sala ()Aluno(a) de outra turma do curso
()Aluno(a) de outro curso do campus ()Terceirizado(a) ()Monitor(a)
()Técnico(a) Administrativo(a) ()Outro(a)

7. Alguém te empurrou, arrastou pelo cabelo, segurou com força ou jogou algo em você com a intenção de machucar, de maneira reiterada e proposital, com o intuito de amedrontar e intimidar causando angústia ou dor?

SIM () NÃO ()

Se sim, quem? ()Professor(a) ()Colega de sala ()Aluno(a) de outra turma do curso
()Aluno(a) de outro curso do campus ()Terceirizado(a) ()Monitor(a)
()Técnico(a) Administrativo(a) ()Outro(a)

8. Alguém te ameaçou ou feriu com faca, arma de fogo ou alguma outra arma ou objeto, de maneira reiterada e proposital, com o intuito de amedrontar e intimidar, causando angústia ou dor?

SIM () NÃO ()

Se sim, quem? ()Professor(a) ()Colega de sala ()Aluno(a) de outra turma do curso
()Aluno(a) de outro curso do campus ()Terceirizado(a) ()Monitor(a)
()Técnico(a) Administrativo(a) ()Outro(a)

9. Alguém te ameaçou, constrangeu, humilhou, manipulou, isolou, chantageou e/ou ridicularizou, de maneira reiterada e proposital, com o intuito de amedrontar e intimidar causando angústia ou dor?

SIM () NÃO ()

Se sim, quem? ()Professor(a) ()Colega de sala ()Aluno(a) de outra turma do curso
()Aluno(a) de outro curso do campus ()Terceirizado(a) ()Monitor(a)
()Técnico(a) Administrativo(a) ()Outro(a)

10. Você sofreu isolamento, afastamento, marginalização, segregação, separação ou foi tratada com hostilidade por sua cor, raça, etnia, classe social, deficiência, idade, religião, sexo ou orientação sexual?

SIM () NÃO ()

Se sim, quem? ()Professor(a) ()Colega de sala ()Aluno(a) de outra turma do curso
()Aluno(a) de outro curso do campus ()Terceirizado(a) ()Monitor(a)
()Técnico(a) Administrativo(a) ()Outro(a)

11. Alguém tocou, manipulou, beijou ou expôs partes do seu corpo contra sua vontade?

SIM () NÃO ()

Se sim, quem? ()Professor(a) ()Colega de sala ()Aluno(a) de outra turma do curso
()Aluno(a) de outro curso do campus ()Terceirizado(a) ()Monitor(a)
()Técnico(a) Administrativo(a) ()Outro(a)

12. Alguém lhe ameaçou ou forçou a ter relações sexuais ou quaisquer outros atos sexuais contra sua vontade?

SIM () NÃO ()

Se sim, quem? ()Professor(a) ()Colega de sala ()Aluno(a) de outra turma do curso
()Aluno(a) de outro curso do campus ()Terceirizado(a) ()Monitor(a)
()Técnico(a) Administrativo(a) ()Outro(a)

13. Sentiu-se constrangido(a) por palavras ou atos obscenos dirigidos a sua pessoa?

SIM () NÃO ()

Se sim, quem? ()Professor(a) ()Colega de sala ()Aluno(a) de outra turma do curso
()Aluno(a) de outro curso do campus ()Terceirizado(a) ()Monitor(a)
()Técnico(a) Administrativo(a) ()Outro(a)

14. Recebeu cantadas ou investidas insistentes mesmo após ter dito “não”?

SIM () NÃO ()

Se sim, quem? ()Professor(a) ()Colega de sala ()Aluno(a) de outra turma do curso
()Aluno(a) de outro curso do campus ()Terceirizado(a) ()Monitor(a)
()Técnico(a) Administrativo(a) ()Outro(a)

15. Recebeu fotos ou mensagens de conteúdos pornográficos sem ter requisitado?

SIM () NÃO ()

Se sim, quem? ()Professor(a) ()Colega de sala ()Aluno(a) de outra turma do curso
()Aluno(a) de outro curso do campus ()Terceirizado(a) ()Monitor(a)

Técnico(a) Administrativo(a) Outro(a)

16. Tocaram em alguma parte do corpo mesmo sem ser consentido?

SIM () NÃO ()

Se sim, quem? Professor(a) Colega de sala Aluno(a) de outra turma do curso

Aluno(a) de outro curso do campus Terceirizado(a) Monitor(a)

Técnico(a) Administrativo(a) Outro(a)

17. Recebeu algum convite inapropriado de cunho sexual?

SIM () NÃO ()

Se sim, quem? Professor(a) Colega de sala Aluno(a) de outra turma do curso

Aluno(a) de outro curso do campus Terceirizado(a) Monitor(a)

Técnico(a) Administrativo(a) Outro(a)

18. Prometeram algo em troca de favores sexuais?

SIM () NÃO ()

Se sim, quem? Professor(a) Colega de sala Aluno(a) de outra turma do curso

Aluno(a) de outro curso do campus Terceirizado(a) Monitor(a)

Técnico(a) Administrativo(a) Outro(a)

19. Se você respondeu “SIM” para algumas das perguntas anteriores, qual a conduta tomada por você?

Conversou com as(os) amigos(as) Preferiu ficar calada(o) Denunciou

Contou aos pais Não fiz nada Outra _____

20. Se marcou “Não fiz nada” na pergunta anterior, escolha uma das alternativas que melhor justifique tal ação:

Ameaça Medo de julgamento Medo de não acreditarem em você

Medo de sofrer retaliação Não marquei não fiz nada na pergunta anterior

Outro _____

APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo **FORMAÇÃO ACADÊMICA E A INTERFACE COM A VIOLÊNCIA: SOFRER OU LUTAR?**, coordenado pela professora Dra. Enfa. Rosimery Cruz de Oliveira Dantas, vinculada a Universidade Federal de Campina Grande/ Centro de Formação de Professor, na Cidade de Cajazeiras-PB, que tem como objetivo investigar como se manifesta a violência sobre o corpo estudantil dentro da universidade e suas repercussões na vida acadêmica. Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade.

Tem-se percebido a existência de diversas formas violências no CFP/UFCG *campi* Cajazeiras, dentre elas importunação sexual, assédio sexual, violência psicológica, assédio moral, discriminação e Bullying ou intimidação sistemática no ensino superior, com a existência da Política de Prevenção e Combate ao Assédio Moral, ao Assédio Sexual e a Todas as Formas de Discriminação (PCOAD) no âmbito da instituição, há a preocupação na prevenção e combate a esse fenômeno, optou-se por essa pesquisa para investigar a ocorrência de violência dentro da universidade e as repercussões na permanência estudantil no ensino superior, bem como analisar os tipos de violência sofridas pelos discentes no âmbito universitário, identificar o perfil e a abordagem do agressor, além disso, despertar nas vítimas o desejo de sair do seu silêncio doloroso e denunciar. A pesquisa será desenvolvida uma pesquisa, nos moldes de um estudo transversal, descritivo e de abordagem quantitativa, que será efetuada na Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, campus Cajazeiras, Paraíba. A população do estudo será constituída por estudantes matriculados nos cursos de graduação em Ciências Biológicas (150), Enfermagem (269), Geografia (189), História (207), Matemática (136), Medicina (197), Letras Inglês (82), Letras Português (116), Pedagogia (154), do referido campus, conforme dados disponibilizados pelas coordenações dos referidos cursos, totalizando 1.500 e a amostra definida em 306, calculada a partir da fórmula para população finita, utilizando o Open Epi. Para se manter a proporcionalidade, calculou-se a amostra por curso com a utilização de 20,4%, sendo a mesma definida assim: Ciências Biológicas (31), Enfermagem (55), Geografia (39), História (42), Matemática (28), Medicina (40), Letras Inglês (17), Letras Português (24), Pedagogia (31). A seleção dos discentes será de forma aleatória, a partir da lista de matrícula, com a realização de sorteio para definir o intervalo entre os(as) alunos(as). A amostra foi definida em 306, calculada a partir da fórmula para população finita, utilizando a calculadora virtual Open Epi. A seleção dos discentes será realizada a partir da lista de matrícula disponibilizada, de forma aleatória, após sorteio para definir o intervalo entre os(as) alunos(as). Será utilizado como critério de inclusão estudantes matriculados do 1º ao 12º período, com idade igual ou superior a 18 (dezoito) anos. Os critérios de exclusão são estudantes menores de 18

Rubrica do participante

Rubrica do responsável pela
pesquisa

(dezoito) anos. Os dados serão coletados e agrupados em planilha do Excel, transpostos para o SPSS 20.0, e analisados com estatística descritiva, tendo como medida de tendência central a média com seus respectivos desvios padrão.

Caso decida aceitar o convite, você responderá aos instrumentos de pesquisa, de próprio punho. Os riscos envolvidos com sua participação são mínimos, e caso ocorra, pode se dar pelo constrangimento mediante algum questionamento e retomada da memória de fatos ocorridos que lhes são desagradáveis. Que, caso isso ocorra, você poderá deixar sem resposta, e para manejar o problema poderá procurar a pesquisadora responsável em sua sala, para uma escuta qualificada e orientação adequada, bem como acolhida junto ao Comitê de Prevenção de Violência do CFP. Deixamos claro que a pesquisa não oferece riscos físicos, químicos ou biológicos. A pesquisa trará como benefício esperado trazer o conteúdo para discussão e construir formas de acolher as vítimas e minimizar os danos resultantes no âmbito da universidade.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário. Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a professora Dra. Enfa. Rosimery Cruz de Oliveira Dantas, ou ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - CEP/UNIFSM/PB.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá buscar o direito de ser indenizado.

Esta pesquisa atende às exigências das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) Centro Universitário Santa Maria – CEP/UNIFSM/PB, de Cajazeiras, PB; cadastro nº 5180 na Plataforma Brasil é um colegiado interdisciplinar e independente de caráter consultivo, deliberativo e educativo, que tem como foco central defender os interesses e a integridade dos participantes voluntários de pesquisas envolvendo seres humanos e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Eu, _____, fui informado (a) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci todas minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e desistir de participar da pesquisa se assim o desejar. O (a) pesquisador (a) professora Dra.

Rubrica do participante

Rubrica do responsável pela pesquisa

Enfa. Rosimery Cruz de Oliveira Dantas certificou-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais, no que se refere a minha identificação individualizada, e deverão ser tornados públicos através de algum meio. Ele compromete-se, também, seguir os padrões éticos definidos na Resolução 510/16 ou 466/12 da CNS.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: Rosimery Cruz de Oliveira Dantas

Instituição: Universidade Federal de Campina Grande/Centro de Formação de Professores

Endereço Pessoal: Titico Gomes, 23 - Patos-PB

Endereço Profissional: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, S/N – Bairro Casas Populares – CEP: 58.900-000 – Paraíba-PB. Fone: (83) 3532200.

Horário disponível: Segunda a Sexta

Telefone: 83 988609974

E-mail: rosimery.cruz@professor.ufcg.edu.br

Dados do CEP

Nome: Comitê de Ética em Pesquisa Centro Universitário Santa Maria – CEP/UNIFSM/PB.

Endereço: Bloco das Coordenações Área Administrativa do UNIFSM

BR 230; KM 504, Caixa Postal 30, Cristo Rei. CEP: 58900-000 – Cajazeiras – PB.

Horário de atendimento: segunda a sexta-feira, das 08h:00 às 12h:00.

E-mail: cep@unifsm.edu.br

Telefone: (83) 3531-1346, ramal 209; (83) 99371-4904.

_____	_____	____/____/____
Nome	Assinatura do Participante da Pesquisa	Data
_____	_____	____/____/____
Nome	Assinatura do Pesquisador	Data

Rubrica do participante

Rubrica do responsável pela pesquisa

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: **FORMAÇÃO ACADÊMICA E A INTERFACE COM A VIOLÊNCIA: SOFRER OU LUTAR?**

Pesquisador: Rosimery Cruz de Oliveira Dantas

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 81536424.8.0000.5180

Instituição Proponente:

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.074.936

Apresentação do Projeto:

Busca-se investigar como se manifesta a violência sobre o corpo estudantil universitário e a vida acadêmica. Trata-se de um estudo transversal, descritivo e de abordagem quantitativa, que será efetuada na Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, campus Cajazeiras, Paraíba. A população do estudo será constituída por estudantes matriculados nos cursos de graduação do referido campus. A amostra foi definida em 306 estudantes, a partir da fórmula para população finita da calculadora virtual Open Epi. A seleção dos discentes será realizada a partir da lista de matrícula disponibilizada, de forma aleatória, após sorteio para definir o intervalo entre os(as) alunos(as) e para manter a proporcionalidade o percentual por curso de 20,4%. Será utilizado como critério de inclusão estudantes matriculados do 1º ao 8º período, com idade igual ou superior a 18 (dezoito) anos. Os critérios de exclusão são estudantes menores de 18 (dezoito) anos. Os dados serão coletados e agrupados em planilha do Excel, transpostos para o SPSS 20.0, e analisados com estatística descritiva, tendo como medida de tendência central a média com seus respectivos desvios padrão

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar como se manifesta a violência sobre o corpo estudantil universitário e a vida acadêmica.

Continuação do Parecer: 7.074.936

Objetivo Secundário:

Identificar os tipos de violência sofridas pelos discentes no âmbito universitário. Construir o perfil do agressor e sua abordagem.

Listar os principais danos causados pela violência às vítimas.

Identificar como as vítimas reagem a violência.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Podem estar relacionados ao constrangimento ou desconforto emocional, ao lembrar de eventos ocorridos, e para reduzir quaisquer danos, o aluno será instruído a só responder o que lhe for confortável e seguro. Caso haja danos a pessoa receberá assistência psicológica, em uma escuta qualificada e/ou outra assistência por parte da pesquisadora responsável, que também é psicóloga. Em qualquer momento, se o indivíduo sofrer algum dano comprovado decorrente desta pesquisa, a pessoa poderá buscar o direito de ser indenizado.

Benefícios:

Os principais são:

Estimular a discussão sobre a violência institucional, com mais abertura e entusiasmo.

Despertar nas vítimas o desejo de sair do seu silêncio doloroso e denunciar.

Propiciar a partir do conhecimento da realidade, tanto ao público acadêmico quanto profissionais e sociedade, o desenvolvimento de ações intervenientes para minimizar a ocorrência de violência, cujo silêncio tem causado tanto sofrimento e adoecimento às suas vítimas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa está bem delineada.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os Termos de apresentação obrigatória foram apresentados adequadamente.

Recomendações:

Vide Campo Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências ou inadequações.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: Bloco das Coordenações, Área Administrativa, na BR 230, Km 504
Bairro: Cristo Rei CEP: 58.900-000
UF: PB Município: CAJAZEIRAS
Telefone: (83)3531-1346 Fax: (83)99371-4904 E-mail: cep@unifsm.edu.br

Continuação do Parecer: 7.074.936

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2356736.pdf	07/09/2024 12:21:24		Aceito
Outros	questionario.pdf	07/09/2024 12:20:46	Rosimery Cruz de Oliveira Dantas	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_COMPLETO.pdf	07/09/2024 12:19:32	Rosimery Cruz de Oliveira Dantas	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	07/09/2024 12:19:05	Rosimery Cruz de Oliveira Dantas	Aceito
Brochura Pesquisa	BROCHURA_PROJETO.pdf	07/09/2024 12:18:47	Rosimery Cruz de Oliveira Dantas	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	CARTA_ANUENCIA_junho_2024_assinado.pdf	08/06/2024 15:30:52	Rosimery Cruz de Oliveira Dantas	Aceito
Outros	TERMO_DE_COMPROMISSO_DE_DIVULGACAO.pdf	08/06/2024 12:34:09	Rosimery Cruz de Oliveira Dantas	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMO_DE_COMPROMISSO_DOS_PESQUISADORES.pdf	08/06/2024 12:33:43	Rosimery Cruz de Oliveira Dantas	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	08/06/2024 12:16:25	Rosimery Cruz de Oliveira Dantas	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	08/06/2024 12:13:49	Rosimery Cruz de Oliveira Dantas	Aceito
Folha de Rosto	Folha_rosto_pesquisador.pdf	08/06/2024 11:40:49	Rosimery Cruz de Oliveira Dantas	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAJAZEIRAS, 13 de Setembro de 2024

Assinado por:

Leilane Menezes Maciel Travassos
(Coordenador(a))

Endereço: Bloco das Coordenações, Área Administrativa, na BR 230, Km 504
Bairro: Cristo Rei CEP: 58.900-000
UF: PB Município: CAJAZEIRAS
Telefone: (83)3531-1346 Fax: (83)99371-4904 E-mail: cep@unifsm.edu.br